

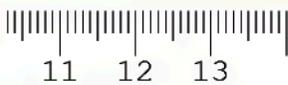
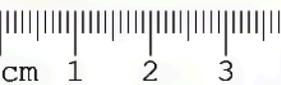
SMIT, J. coord. - *Análise documentária; a análise da síntese*. Brasília, IBICT, 1987. 133p.

Em 1987, o IBICT lançou um pequeno volume intitulado "Análise Documentária: a análise da síntese" de autoria do Grupo Temma, constituído por professoras do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e de uma professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O livro propõe-se a definir o que é a Análise Documentária (AD), concebida como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar conteúdos de documentos sob formas destinadas à recuperação da informação, assim como a analisar esses mesmos procedimentos, no sentido de discriminar não só os seus suportes teóricos como os metodológicos. Este último objetivo retirado da Análise Documentária o traço preponderante de procedimento, atribuindo-lhe características de disciplina. Isto é, em todos os trabalhos apresentados, existe a preocupação de operacionalizar um procedimento, tendo em vista um objeto e um corpo teórico em formação.

O volume compõe-se de sete capítulos precedidos por introdução de Johanna W. Smit (professora da ECA-USP), na qual narra o percurso do Grupo Tema e as discussões teóricas e práticas que deram origem a estes artigos. Localiza a AD no processo de tratamento e recuperação da informação, assim como a sua vocação interdisciplinar, nomeadamente com a Linguística e a Lógica. Seguidamente, apresenta os desafios colocados à AD, tanto na resolução de problemas teóricos inerentes à sua crescente interdisciplinaridade, como dos práticos derivados da automação e utilização de técnicas de Inteligência Artificial.

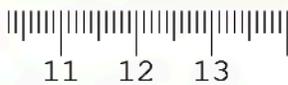
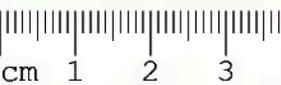
* Diretora da Divisão de Tratamento da Informação do Departamento Técnico do SIBI/USP.



No primeiro capítulo, "Linguagens de indexação", Eunides A. do Vale (bibliotecária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e ex-professora da ECA/USP) sistematiza a concepção clássica da AD no sentido da recuperação de informação de linguagens de indexação previamente individualizadas como: pré-coordenadas, as quais incluem sistemas tradicionais de classificação (CDD, CDU, LC) listas de cabeçalhos de assunto, classificações facetadas; e pós-coordenadas, unitermos e tesouros. Termina levantando os problemas inerentes à concepção destas linguagens assim como à sua utilização, remetendo-os para as discussões apresentadas nos capítulos posteriores. De certa forma, este primeiro capítulo realiza um "Balanço" com exemplos práticos do que se faz, do que se usa e das dificuldades encontradas no momento da utilização dos instrumentos de indexação, abrindo caminho para a exploração de outros instrumentais e novos procedimentos em indexação.

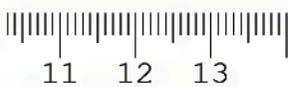
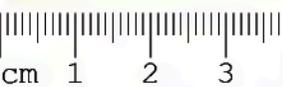
No segundo capítulo, "Estratégias de Leitura em Documentação", a lingüista e professora da PUC-USP Anna Maria Marques Cintra desenvolve o tema de interação leitor/texto no processo de leitura realizada pelo bibliotecário/analista da documentação. Neste sentido, contrapõe à prática do profissional as concepções teóricas a experimentais dos lingüistas, afirmando que qualquer leitura, incluindo a realizada com fins documentários, depende de conhecimentos prévios armazenados, quer lingüísticos quer contextuais organizados em "esquemas" na sua memória. Considera, ainda, que no processo de leitura se podem distinguir dois grupos de estratégias: "as cognitivas que compreendem comportamentos automáticos e inconscientes e as metacognitivas que supõem comportamentos desautomatizados, na medida em que o leitor tem consciência de como está lendo" (CINTRIA, p. 32). São questões que tornam clara a importância da leitura no processo de AD, vindo desmitificar tanto a concepção do indexador/analista da documentação "neutro", como a do texto "absoluto", ou seja, a idéia de que o texto é qualquer coisa que existe como imutável, capaz de ser visto em momentos diversos por pessoas diversas sempre na mesma perspectiva.

Dado que o segundo capítulo transfere para o texto o foco das preocupações em AD, a qual surge dependente da leitura e da compreensão do texto, portanto da sua análise, o terceiro capítulo (da au-



toria de Isabel M.R. Ferin Cunha, professora da ECA-USP) entra na caracterização do que é AD e quais os seus parâmetros teóricos e experimentais. Caracteriza a AD como operação semântica de passagem do texto original a sua representação, na qual estão "três linguagens (para fins documentários não lingüísticos) interligadas: a linguagem natural (LN), as linguagens especializadas (LE) e as linguagens documentárias (LD) "CUNHA, p. 39). Nos parâmetros teóricos inclui: as análises possíveis e a análise documentária, fazendo um recorte das análises de conteúdo, literárias, semióticas e lingüísticas, e comparando-as com a AD; as propostas teóricas e pragmáticas da Lingüística, possíveis de virem a ser adaptadas a AD; a "Lógica e lógicas" utilizadas ou a explorar os problemas de ideologia, tanto na análise do discurso como na interferência do indexador/analista da documentação. Nos parâmetros experimentais apresenta: a metodologia de análise que visa a identificar a organização metodológica do discurso do autor/produtor através da segmentação do texto" (CUNHA, p. 55) e a "isolar conceitos/palavras-chave tradutoras do conteúdo desses segmentos" (CUNHA, p. 55); a metodologia de síntese que visa a "chegar a conceitos/palavras-chave capazes de traduzir o conteúdo do discurso analisado" (CUNHA, p. 58).

Enquanto no terceiro capítulo a autora apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos da AD como um todo, no quarto capítulo a mesma autora enfoca a "Estruturação de Vocabulário" partindo do "bom-senso" para a sua sistematização. Nesse sentido formula categorias operacionais embasadas nos estudos de casos realizados pelos lingüistas Fillmore e Pottier afirmando que Instrumento, Agente, Objeto, Modo, Lugar, Produto e Finalidade, "são categorias de estruturação de vocabulários, válidas para todas as áreas de conhecimento...Sendo que as diferenças das áreas refletir-se-iam nas caracterizações das categorias e na formulação das perguntas" (CUNHA, 73). Seguidamente, propõe a formação do Campo Semântico, o qual possibilitaria em documentação a organização da informação "na medida em que é em relação a ele que se podem estruturar as categorias, agrupar conceitos e estabelecer relações lógico-lingüísticas entre eles" (CUNHA, p. 74). Propõe, então, a discussão dos conceitos, o que implica "num procedimento circular de estruturação de vocabulários, na medida em que partindo de um vocabulário de base, se pas-

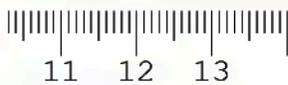
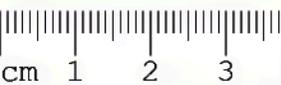


saria pela sua organização em categorias e Campo Semântico" (CUNHA, p. 77). Termina apresentado cinco diagramas com o fim de melhor explicar as propostas anteriormente apresentadas.

Em síntese, estes dois capítulos procuram localizar os campos da AD partindo de uma exploração do "bom-senso" para uma racionalização dos procedimentos teóricos e práticos. O mesmo propósito manifesta-se no capítulo quinto: "A definição semântica para a elaboração de Glossários" da lingüista e professora da ECA-USP, Maria de Fátima G.M. Tálamo. Este capítulo parte da definição de glossário, instrumento de controle terminológico, cuja função específica é a de traduzir as linguagens técnica e científica numa linguagem sistêmica" (TÁLAMO, p.88) para a necessidade de formulação de definições apropriadas que se refiram à essência daquilo que se procura definir, não sejam circulares, apresentem-se na forma afirmativa e não metafórica. Seguidamente, enfoca a definição semântica na qual está incluída a definição como operações de expansão "que explicita a diferença específica do termo em relação a um traço constante" (TÁLAMO, p.94). Ao dar exemplos práticos sobre a organização e definição dos termos no glossário, este capítulo contribui para clarear e normalizar o processo de construção de vocabulários em AD.

O capítulo sexto, "A Análise da imagem: um primeiro plano", da professora Johanna W. Smit da ECA-USP, constitui-se numa exploração da AD em materiais audiovisuais, contrariando o que chamou de "principal argumento invocado pelos defensores da aplicação das técnicas de análise documentária ao documento audiovisual sem maiores adaptações" (SMIT, p.101) dado que a "imagem mostra como a coisa. "é", há "transparência" entre a imagem e o real, a imagem "é" o "real" (SMIT, p.101). Na verdade, esta questão liga-se não só à especificidade do documento audiovisual, como aos problemas de transcodificação, isto é, "tradução de um código para o outro" (SMIT, p.103); informações técnicas, ou seja, "detalhes" técnicos referentes a produção do documento" (SMIT, P.104) e interpretação da imagem. Desenvolve em seguida tema de como analisar a imagem para efeitos de documentação evitando a omissão, isto é, considerando que "certas categorias de informações são imprescindíveis na descrição da imagem" (SMIT, p.108) e que se deve evitar o excesso.

Este capítulo é de grande importância para análise de imagem,



na medida em que a bibliografia é escassa ou praticamente inexistente em língua portuguesa.

O sétimo e último capítulo é uma revisão bibliográfica realizada pelas professoras da ECA-USP, Isabel M. R. Ferin Cunha, Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko O. F. Amaro. Segundo as autoras, "A revisão bibliográfica que ora apresentamos está na vertente lógico-semântica e analisa os trabalhos mais significativos que se constituem em referencial para a construção de uma teoria da Análise Documentária, tal como é proposta pelo Grupo Temma" (CUNHA, KOBASHI, AMARO, p.114). Neste sentido, a bibliografia é apresentada em três blocos - Lingüística Geral, Lógica/Filosofia da Linguagem e Lingüística/Documentação - tendo em consideração a sua relevância para a Biblioteconomia/Documentação.

No conjunto, os artigos incorporados no volume "Análise Documentária: a análise da síntese" iniciam e apresentam uma nova visão, dentro da área e no Brasil, da problemática em questão. Como todos os trabalhos que resultam de pesquisa não são definitivos, contém imprecisões e refletem o estado da pesquisa no momento, o que nos leva a concluir que trabalhos futuros tenderão a um maior desenvolvimento e consistência.

Isabel M. R. Ferin Cunha, Prof^a da ECA/USP.

BERNSTEIN, Harry. *Pedro Craesbeeck & Sons, 17th Century Publisher to Portugal and Brazil*. Amsterdam, Adolf M. Hakkert, 1987. 229p.

O estudo histórico de oficinas tipográficas não parece ser muito usual entre nós, embora possam apresentar rico manancial de informações, seja do período em que existiram, indicando, entre outros, certos hábitos de leitura, seja da personalidade de seu proprietário, muitas vezes marcante em sua época ou em seu meio.

Certamente o estudo de uma dessas tipografias antigas resultaria numa pesquisa aprofundada ou mesmo numa tese de doutoramento.

A grande dificuldade, principalmente para as mais antigas, é obter a documentação necessária em que se possa basear o trabalho. O

